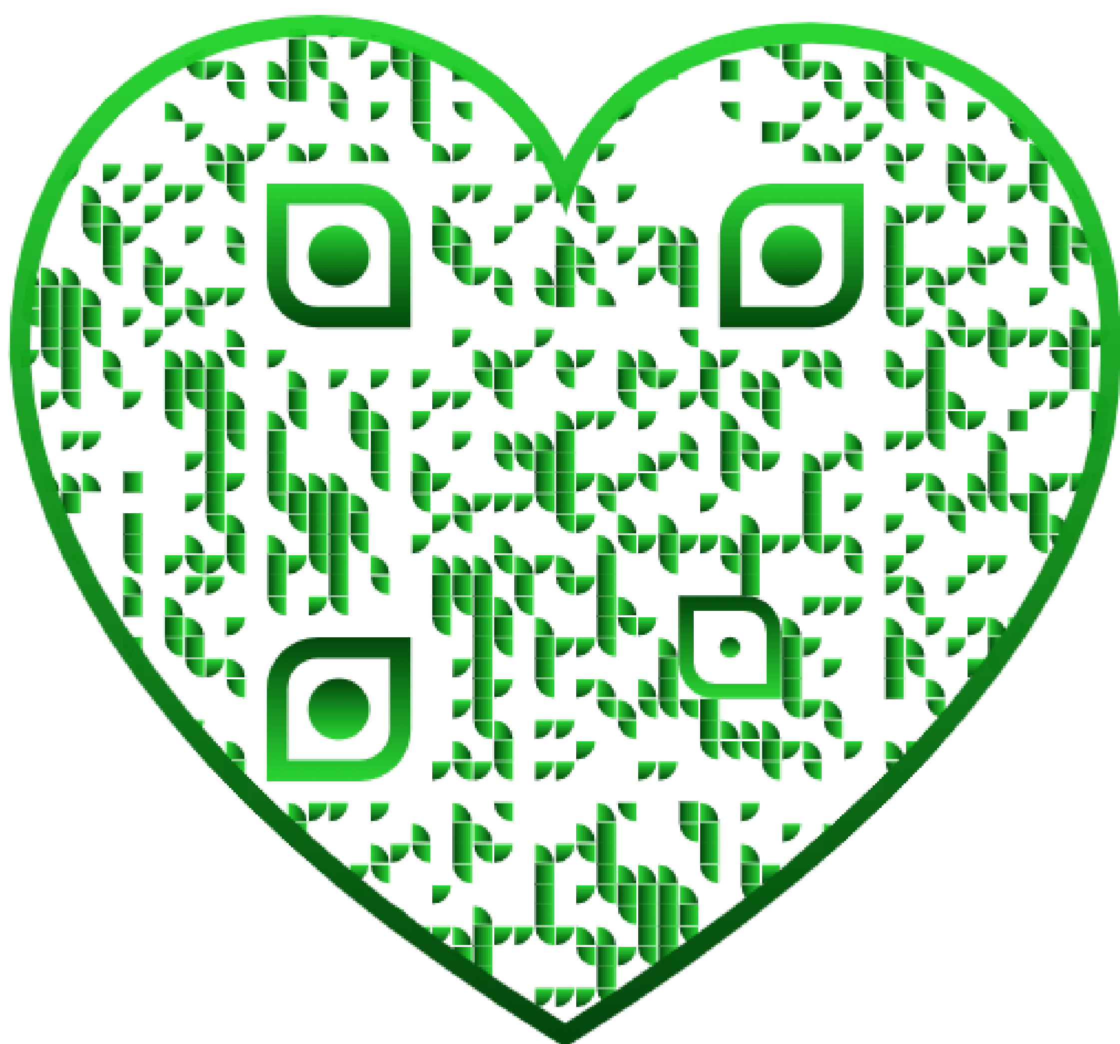
A Estrela

Arthur C. Clark



Há três mil anos luz até o Vaticano. Em outro tempo acreditava-se que o espaço não podia alterar a fé; e acreditava-se igualmente e considerava-se fora de duvida que os céus cantassem a glória da obra de Deus. À "maturação" vi essa obra e minha fé se encontrarem grandemente minada.

Contemplo o crucifixo que pende na parede da cabine sobre o ordenador Mark
VI e pela primeira vez em minha vida me pergunto se não será um símbolo vácuo.

Não falei com ninguém ainda, mas a verdade não pode ocultar-se. Os dados existem para que alguém os observe, registrados como estão em milhas incontáveis de cinta magnética e milhares de fotografias que levamos de retorno à Terra.

Outros cientistas as interpretarão tão facilmente como eu; até mais facilmente, sem dúvida. Não sou "alguém" para simular a manipulação da verdade que tão péssimo prestígio proporcionou a minha ordem nos dias passados.

A tripulação está já bastante deprimida; pergunto-me como reagirão diante desta última ironia. Poucos, de quantos a compõem, têm uma fé religiosa, e, não obstante, não se aproveitarão desta arma definitiva usando-a contra mim; guerra privada, honrada, mas fundamentalmente séria, que

teve lugar durante todo o trajeto desde que saímos da Terra. Era divertido ter a um jesuíta do Primeiro Astrofísico. O doutor Chandler, por exemplo, nunca pôde assimilá-lo de tudo (por que serão ateus tão notórios os homens entregues à medicina?). Às vezes me encontrava diante do painel de observação, onde as luzes permanecem sempre amortecidas e o resplendor das estrelas com glória inalterada. Ou então me aproximava e ficava contemplando o exterior pela grande escotilha oval, enquanto os céus giravam com lentidão em volto de nós à medida que a nave se balançava de ponta a ponta com a escora que não nos havíamos incomodado em corrigir.

—Bom, pai! — acabava dizendo ao final. Isto prossegue uma eternidade atrás de outra; acaso o fez Alguém. Entretanto, como pode acreditar você que esse Alguém há
de ter um interesse especial em nós e em nosso miserável mundinho? Isto é o que não posso entender.

Começava então a disputa, enquanto as estrelas e as nebulosas giravam em redor de nós em silenciosos e infinitos arcos que se abriam do outro lado do plástico da escotilha de observação.

Em meu sentir, era a aparente incongruência de minha posição o que, seriamente, divertia à

tripulação. Em vão argumentava eu com meus três artigos no Jornal Astrofísico e minhas cinco Notícias Mensais da Real Sociedade Astronômica.

Recordava-lhes que nossa ordem tinha conseguido não pouca fama por seus trabalhos científicos. Podíamos ser poucos já, mas do século XVIII tínhamos feito contribuições à astronomia e a geofísica que não podiam nem sequer avaliar-se.

Sejam inúteis os mil anos de história de meu relatório sobre a Nebulosa do Fênix?

Temo-me, porém, que seja inútil com muito mais modismo.

Não sei quem batizou à nebulosa com esse nome que tão mau me parece. Se contém uma profecia, esta não poderá verificar-se até dentro de mil anos. Até a palavra "nebulosa" é equívoca, já que a Fênix é muito menor que essas magníficas acumulações de gás (a matéria das estrelas novatas) que pulverizam-se por toda a longitude da Via Láctea. Em escala cósmica, por suposto, a Nebulosa da Fênix é uma cabeça de alfinete, uma tênue casca de gás que rodeia a uma estrela única.

Ou o que fica dessa estrela...

Enquanto se eleva por cima das linhas do espectrofotômetro, a "rubensiana pesadez" do Loyola parece burlar-se de mim. O que teria feito

você, Pai, com este conhecimento que me sobreveio, tão afastado do pequeno mundo que era todo o universo que você conheceu? Teria triunfado sua fé na prova, como a minha falhou diante dela?

Olha na distância, Pai, mas por minha parte fui além do que pudesse ter imaginado quando fundou nossa ordem faz dois mil anos. Nenhuma outra nave investigadora foi tão longe da Terra; encontramo-nos muitas vezes nas mesmas fronteiras do universo explorado. Propusemo-nos alcançar a Nebulosa da Fênix, conseguimo-lo, e retornamos com o conhecimento sobre nossos ombros. Desejaria liberar meus ombros dessa "carga", mas em vão lhe invoco através dos séculos e os anos luz que se elevam entre nós.

As palavras são transparentes em seu livro de regras: *"AD MAIOREM DEI GLORIAM"*, diz a mensagem, mas se trata de uma mensagem em que já não posso acreditar. Você teria seguido acreditando depois de ter visto o que encontramos?

É obvio, sabíamos o que era a Nebulosa da Fênix. Todos os anos, só em nossa galáxia exploravam mais de cem estrelas, aumentando durante horas ou dias seu fulgor em milhares de vezes antes de inundar-se na morte e ao negrume.

São as novas ordinárias, as sabidas catástrofes do universo. Registrei os espectrogramas e curvas de luz de dúzias delas desde que comecei a trabalhar no observatório lunar.

Mas três ou quatro vezes cada mil anos tem lugar algo distinto junto ao que até uma nova empalidece com total insignificância.

Quando uma estrela se converte em supernova pode, durante um breve instante,
apagar o brilho de todos os sóis da galáxia. Os astrônomos chineses detectaram uma em 1054 sem saber que fenômeno foi. Cinco séculos mais tarde, em 1572, detectaram uma supernova na “Casiopea” com tanto brilho que foi visível à luz do dia. Nos mil anos transcorridos desde essa data tiveram lugar três explosões mais.

Nossa missão era visitar os restos de uma catástrofe tal para reconstruir os acontecimentos que a tinham precedido e, de ser possível, saber a causa. Nos penetramos com cautela nas capas concêntricas de gás que tinham estalado três mil anos antes e que se encontravam ainda em expansão. O calor era imenso e radiava ainda com feroz luz violeta, muito tênue, porém para nos fazer dano. Quando a estrela explodiu, seus estratos exteriores irromperam para cima com velocidade tal que tinham saído por

completo de seu campo de gravitação. Hoje formam uma carapaça oca tão grande que pode abranger mil sistemas revestindo-os, rodeando o que brilha e arde em seu centro e que não é mais que o objeto fantástico que é agora a estrela: uma massa branca, menor que a Terra, mas com um peso um milhão de vezes maior.

As capas de gás brilhante nos rodeavam e desvaneciam a noite normal dos espaços interestelares. Voamos no interior de uma bomba cósmica que havia detonado milênios atrás e cujos fragmentos incandescentes eram ainda metralha.

A imensa escala da explosão e o fato que sua onda expansiva houvesse alcançado já um volume de espaço de muitos trilhões de milhas, despojava à cena de todo movimento perceptível. Um olho nu demoraria décadas antes de captar um movimento nas torturadas espirais de gás; entretanto, a sensação do estalo o dominava tudo.

Tínhamos comprovado nossa direção primária horas antes e nos encaminhávamos devagar para a pequena estrela que tínhamos à frente. Havia sido um sol como o nosso em outro tempo, mas tinha esbanjado em poucas horas a energia que teria mantido seu brilho durante um milhão de anos. À “maturação” se encontrava como um miserável

“depenado” que regulasse seus recursos em um intento de reparar sua pródiga juventude.

Seriamente, ninguém esperava encontrar planetas. Se algum houve antes da explosão se teria convertido em rajadas de vapor e sua substância se haveria confundido com a estrutura da estrela, mesmo assim, a tudo investigamos rotineiramente, como sempre que nos aproximávamos de um sol desconhecido, e demos com um mundo diminuto que dava voltas em torno da estrela a uma distância imensa. Tinha que se tratar de um Plutão daquele desvanecido sistema solar, dando voltas nas fronteiras da noite. Muito longe do sol central para ter conhecido a vida, sua distância mesma o tinha salvado do destino que sem dúvida tinham seguido todos seus companheiros.

Os fogos da explosão tinham afetado sua capa rochosa e queimado a crosta de gás gelado que em seus dias o teria coberto. Aterrissamos e encontramos a abóbada.

Seus construtores fizeram certamente quão mesmo teríamos feito nós.

O sinal monolítico que se erguia sobre a entrada era à “maturação” uma massa fundida, mas desde que tomamos as primeiras fotografias de longe soubemos que aquilo tinha sido obra da

inteligência. Pouco depois detectamos a capa de radiatividade que tinha ficado enterrada na rocha. Ainda quando o reservatório de água que sobressaía sobre a Abóbada tivesse sido destruído, esta capa teria permanecido, imóvel, mas como farol eterno que chamava as estrelas. Nossa nave descendeu para aquele gigantesco olho de boi como uma flecha corre para a alvo.

O reservatório de água devia alcançar uma milha de altura quando foi construído, mas à "maturação" parecia um cabo de vela que tivesse sido derretido e convertido em massa de cera. Custou-nos uma semana para passar pela capa rochosa fundida, já que não tínhamos as ferramentas apropriadas para o caso. Nosso programa original foi deixado de lado; aquele monumento solitário, que falava de um trabalho realizado a uma distância tão grande do sol destruído, só podia ter um sentido. Uma civilização, que sabia da proximidade de sua morte, tinham elevado seu último adeus à imortalidade.

Teríamos demorado gerações inteiras em examinar todos os tesouros que encontramos na Abóbada. Eles tiveram muito tempo para prepará-la, já que o sol devia ter dado seus primeiros avisos muitos anos antes da explosão final. Tudo o que

quiseram preservar, todos os frutos de seu gênio, levaram-no até aquele mundo distante nos dias que precederam ao fim, esperando que qualquer outra raça os encontrasse e não fizesse caso omisso deles.

Se tivessem tido um pouco mais de tempo! Podiam viajar com liberdade de um planeta a outro, mas ainda não tinham aprendido a salvar os golfos interestelares; e o sistema solar mais próximo se encontrava a cem anos luz de distância.

Mesmo que não tivessem sido tão intranquilizadoramente humanos como mostravam suas esculturas, não tivéssemos podido menos que admirá-los e lamentar seu destino. Deixaram milhares de registros visuais e máquinas para projetá-los, junto com elaboradas instruções gráficas das que não resultava difícil deduzir sua linguagem escrita. Examinamos muitos daqueles registros e revivemos com eles por primeira vez, em seis mil anos, a qualidade e formosura de uma civilização que teve que ser superior à nossas de muitas maneiras. Acaso tinham deixado memória só do melhor. Mas seus mundos eram encantadores e suas cidades tinham sido construídas com uma graça que se relacionava com a de qualquer das nossas. Contemplamo-las em pleno funcionamento e escutamos sua fala musical através das centúrias.

Lembrança ainda muito viva uma cena: um grupo de meninos em um banco, de estranha areia azul, jogava com as ondas, como os meninos jogam na Terra.

E afundando-se no horizonte, ainda quente, amável e vitalizado, encontrava-se aquele sol que logo teria que se transformar em traidor e de esquecer-se de toda aquela felicidade inocente.

Possivelmente, de não ter estado tão longe da Terra e de não nos haver encontrado por entes tão propensos à solidão, não nos teríamos comovido tanto. Muitos tínhamos visto ruínas de antigas civilizações em outros mundos, mas nunca nos tinham afetado tão profundamente.

A tragédia era única. Para uma raça, sucumbir e decair era uma coisa, como as nações e as culturas tinham feito na Terra. Mas ser destruída tão completamente em pleno florescimento, sem deixar sobreviventes... Como podia conciliar-se isso com a misericórdia de Deus?

Meus colegas me perguntaram isto e lhes dava as respostas que soube. Acaso você o faria melhor, Padre Loyola, mas nada encontrei nos Exercícios Espirituais que possa me servir. Não tinham sido malvados; não sei a que deuses adoravam, se acaso adoravam a algum. Mas os vi depois de muitos

séculos e contemplei durante longos instantes, o empenho que puseram em seu último esforço por preservar-se, enquanto esse empenho era iluminado pelo sol que estava ameaçado.

Sei as respostas que me darão meus colegas quando retornar à Terra. Dirão que o universo não tem propósito nem plano, posto que cada ano explora umas cem estrelas, acostumados a neste mesmo instante, há uma raça em algum lugar do espaço que se encontra em transe de extinção. Tanto se tiver procedido bem ou se procedeu mau no curso de sua existência, isso não conta à hora definitiva; não há justiça divina porque não há Deus.

Não obstante, é obvio, quanto vimos não prova nada. Quem argumentasse assim estaria submetido às leis da emoção, não da lógica. Deus não precisa justificar seus atos diante dos homens. Aquele que fez o universo pode destruí-lo quando bem queira. É uma arrogância perigosamente próxima à blasfêmia, se dizer o que pode e não pode Deus fazer.

Apesar dos mundos e as civilizações incluídas nesta consideração, poderia ter aceito este raciocínio. Mas há um ponto no que a fé mais profunda se racha e, à “maturação”, uma vez feitos meus cálculos, alcancei esse ponto.

Antes de chegar à nebulosa era impossível dizer quando se produziu a explosão. Não obstante, à "maturação", graças à evidência astronômica e aos registros encontrados no planeta sobrevivente, pude datar a catástrofe com precisão. Sei em que ano chegou à Terra a luz despedida por aquele estrondo colossal. Sei com que brilhantismo luziu nos céus terrestres a supernova, cujo cadáver relampejava fatalmente atrás de nossa nave. Sei também o que ocasionou um resplendor a pouca altura, antes da alvorada, brilhando como um farol no oriente.

Razoavelmente não pode haver dúvidas; o velho mistério está resolvido por fim. Sem embargo... Senhor, havia tantas estrelas que pôde ter usado...

Que necessidade tinha que levar aquela gente à destruição e que o signo de sua aniquilação resplandecesse sobre o Presépio?